

## APRESENTAÇÃO

Este volume da Revista *Civitas Augustiniana* reúne uma série de contributos que resultam principalmente do trabalho realizado nos seminários da variante História da Filosofia, do Mestrado em Filosofia (Departamento de Filosofia da Universidade do Porto), lecionados em 2024 por Paula Oliveira e Silva e por Vera Rodrigues. Ao percorrer em linha cronológica os diferentes temas tratados, sobretudo relacionados com questões de metafísica, filosofia do conhecimento e teorias sobre a natureza da vontade, estes seminários detiveram-se naturalmente no estudo das obras e doutrinas de Agostinho de Hipona sobre estes temas. Além do debate suscitado entre a equipa formativa, docentes e discentes, os seminários contaram também com a colaboração de colegas especialistas, provenientes de outras instituições universitárias e áreas de especialização. O resultado do trabalho de investigação gerado neste contexto deu lugar à organização de um dia de trabalho, com o título *Fazendo Filosofia na História da Filosofia / Doing Philosophy in*

*Civitas Augustiniana*, 13 (2025) pp. 9 -14

ISSNe: 2182-7141

DOI: <https://doi.org/10.21747/civitas/13ap>

*the History of Philosophy*, organizado no Instituto de Filosofia da Universidade do Porto no dia 4 de fevereiro de 2025. Este volume recolhe alguns dos contributos aí apresentados.

A obra e as doutrinas de Agostinho de Hipona formam um património que marcou de modo absolutamente decisivo o itinerário da filosofia ocidental. O seu entendimento da natureza da filosofia, da razão humana e do tempo ligam o seu nome, desde sempre e de modo estruturante, a uma conceção da filosofia indissociável da história ou do desenvolvimento da razão no curso dos tempos. Este volume é apenas mais um testemunho e uma concretização desta relação intrínseca entre a razão e a sua expressão na história que é potenciada quando se abordam os textos de Agostinho e se procura exaurir deste fonte toda a sua força hermenêutica.

O artigo de Nilo Batista da Silva, que abre este volume, põe em relação o modo de fazer filosofia praticado por Agostinho em *Confissões* com as filosofias existencialistas originadas no início do século XX. Ele mostra que Agostinho nas *Confissões* aborda um conjunto de questões filosóficas a partir da sua própria vivência e em primeira pessoa, e aproxima este método da perspectiva existencialista contemporânea que se constitui como um método de fazer filosofia fundamental cujo objetivo é pensar o ser a partir de categorias existenciais. Evan Dedolph, por sua vez, aborda o conceito de memória no livro 10 das *Confissões*, explorando as relações entre a identidade pessoal e Deus, aí analisadas por

Agostinho. Evan Dedolph analisa a questão desde uma perspectiva muito contemporânea, focando-se nos aspectos de filosofia da mente que estão implícitos nesta descrição da memória e pondo em prática recursos metodológicos típicos da filosofia analítica. Susana Pereira Costa trata de um dos filósofos de maior influência na constituição do sistema de Agostinho: Plotino. No seu artigo, abordada a temática da natureza da vontade como princípio que opera na agência humana, tema no qual a literatura reconhece o caráter inovador da doutrina de Agostinho, precisamente em contraste com a compreensão que dele tiveram os filósofos do período antigo e tardo-antigo. Com o artigo de Eduarda Machado, o volume faz uma inflexão para autores do período da escolástica tardia, começando por uma abordagem sobre o problema do tempo e da eternidade na resolução da presciência de deus sobre os futuros contingentes. Eduarda Machado trata o tema no comentário de Tomás de Vio Caetano à *Suma de Teologia* de Tomás de Aquino, I, q. 14. As questões filosóficas acerca das ideias em Deus, e sua discussão na história da filosofia e, também, nesta questão 14 de Suma de Teologia de Tomás, são indissociáveis do modelo proposto por Agostinho na questão 46, *Sobre as Ideias*, da sua obra *As oitenta e três questões diversas*, bem como da sua análise das relações entre eternidade e tempo, na ação divina da criação. Na mesma sequência temática, João Rebalde desenvolve o tema dos futuros contingentes em Luis de Molina, num trabalho pioneiro onde analisa o problema

a partir do comentário deste jesuíta ao *De interpretatione* de Aristóteles.

Bruno Ribeiro Bré trata do fenómeno político do populismo, como ameaça para as sociedades democráticas. Se, a uma primeira vista, poderíamos pensar que este é um tema que estaria fora do alcance do interesse de Agostinho, uma análise da filosofia política e social de Agostinho – que naturalmente não é objeto de estudo do artigo de Bruno Bré – mostraria sem dificuldade o inverso. Este artigo desafia uma futura investigação no domínio dos estudos agostinianos. Uma análise dos *Sermones ad populum* de Agostinho à luz desta ideologia poderia eventualmente potenciar novas abordagens do tema. Marco António Dias, no seu artigo, traz de volta a ligação entre os domínios da filosofia tardo-antiga e contemporânea, com a relação entre três grandes tópicos da filosofia: o bem, o belo e deus. A aproximação entre Plotino e Wittgenstein, leitor e crítico de Agostinho no que se refere à filosofia da linguagem deste último, é mais um momento importante do estabelecimento de diálogo fecundo entre a filosofia contemporânea e as suas ligações com a história da filosofia. Vasco Mano, por sua vez, recupera no seu artigo o debate entre a tradição platónica e a aristotélica sobre a natureza dos entes matemáticos, o modo como eles são captados pelo intelecto humano e a possibilidade, ou não, de demonstrar racionalmente a imortalidade da alma. Este é um tema que percorre toda a história da filosofia e, embora Vasco Mano mencione

sobretudo do grande debate originado no início do séc. XVI em torno do *De immortalitate animae* de Pietro Pomponazzi, o tema pode ser encontrado em Agostinho, equacionando os mesmos conceitos fundamentais. O artigo de Rituparna Roy aborda o problema hodierno de saber se a IA é ou não dotada de consciência a partir da definição de Brentano sobre percepção interna e da análise de Kriegel sobre o representacionalismo. A concepção de Brentano sobre a consciência, como mostra Rituparna Roy, é de algum modo devedora das análises de Agostinho sobre a natureza do cogito. Uma exploração do tópico, como Roy tem desenvolvido em investigação recente, mostra-se fecunda para encontrar vias de resposta a alguns problemas que a IA coloca à sociedade contemporânea.

Finalmente, no apartado *Traduções*, a Revista publica um texto inédito em português, também de um autor português – Tomé Correia. Trata-se da sua *Oração no Colégio La Sapienza (Roma), Acerca da Antiguidade e da dignidade da poesia e da diferença entre os poetas*, em tradução exímia de Rui Verdasca. Este é um texto muito rico, que abre perspectivas para melhor conhecer a obra do humanista português Tomé Correia, bem como a relação entre Poesia e Filosofia: um tema muito caro a Agostinho de Hipona e sobre o qual ainda há margem para ampla investigação, na obra do hiponense.

Este é mais um volume extremamente rico em conteúdos, como mostra a leitura de cada um dos contributos. Ao mesmo tempo,

cada um deles, no âmbito dos estudos agostinianos, apresenta um desafio para ulteriores explorações temáticas, a partir da perspectiva de Agostinho e ao longo da história da filosofia.

Paula Oliveira e Silva  
Universidade do Porto  
Instituto de Filosofia Universidade do Porto  
Via Panorâmica, s/n, 4150-564 Porto  
pvsilva@letras.up.pt